

Uma parceria bem-sucedida. E longeva

PAULO CESAR NASCIMENTO

pcncom@uol.com.br

O Centro de Diagnóstico de Doenças do Aparelho Digestivo (Gastrocentro) da Unicamp tornou-se referência internacional na área de diagnóstico, no repasse de tecnologia e na transferência de conhecimentos graças a um substancial apoio recebido de uma instituição nipônica. O acordo com a Japan International Cooperation Agency (Jica), com quem o Gastrocentro mantém estreita ligação desde 1990, é emblemático dos resultados proporcionados pelas relações mantidas pela Universidade com pesquisadores ou instituições científicas japonesas. A parceria com a Jica proporcionou inúmeros benefícios ao Gastrocentro, como capacitação médica e equipamentos, o que contribuiu significativamente para aprimorar o diagnóstico precoce de tumores gástrico, intestinal e hepático por meio de técnicas pioneiras no Brasil, colaborando para ampliar a expectativa de vida dos pacientes atendidos pela Unicamp.

O Japão é um dos maiores centros de gastroenterologia do mundo e a implantação do centro com o apoio da Jica teve como objetivos principais o aperfeiçoamento de técnicas de diagnóstico das doenças do aparelho digestivo, o aprimoramento do ensino médico na área da gastroenterologia, e a conseqüente melhora da assistência médica à população por meio do atendimento multidisciplinar. Tanto que o Gastrocentro passou a ser integrado pelas áreas de Cirurgia, Pediatria, Radiologia, Anatomia Patológica, Imunologia, Metabologia e Obesidade. Mensalmente a unidade realiza cerca de 700 exames gratuitos de quase duas dezenas de procedimentos.

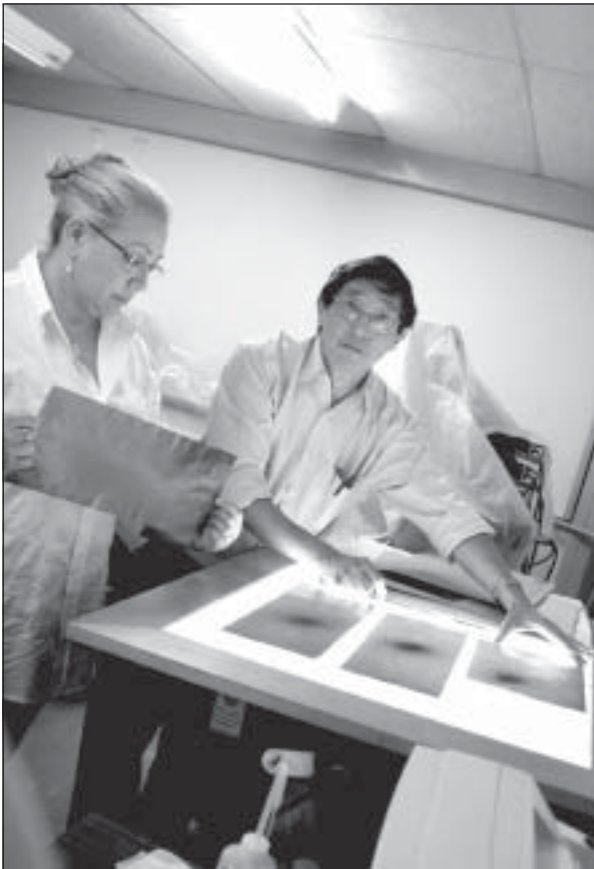
Avanços notáveis – Os equipamentos de última geração recebidos pelo centro por meio do acordo possibilitaram avanços notáveis nos campos da endoscopia digestiva diagnóstica e terapêutica, da ultra-sonografia abdominal, da radiologia digestiva e das técnicas laboratoriais, enfatiza o professor e médico Ademar Yamanaka, coordenador geral do Gastrocentro. Para as técnicas laboratoriais foram instalados dois laboratórios, um especialmente voltado ao estudo das provas funcionais do aparelho digestivo e outro para estudo parasitológico, bacteriológico e de vírus.

Na área de pesquisa, uma das grandes preocupações do Gastrocentro foi com a padronização do diagnóstico do câncer do aparelho digestivo, com destaque para os estudos desenvolvidos a respeito do diagnóstico e da terapêutica do *Helicobacter pylori*, que fizeram da instituição um dos centros nacionais de referência na investigação da bactéria. Mas os projetos voltaram-se também ao diagnóstico e às propostas de terapia de pequenos tumores hepáticos. A Jica manteve ainda outro convênio, voltado para a hepatologia e Aids.

Ampliação – Além da transferência de tecnologia e doação de aparelhagem, o convênio da ordem de US\$ 15 milhões proporcionou a troca de informações através de viagens de especialistas brasileiros ao Japão e vice-versa. A Jica enviou ao Brasil cerca de 100 colaboradores e aproximadamente 80 médicos e professores foram enviados ao Japão para treinamento. Tiveram ainda acesso ao ensino no Gastrocentro os médicos residentes da FCM das áreas de Gastroenterologia Clínica, Cirúrgica, Pediatria, Radiológica e de Anatomia Patológica, entre ou-



O professor e médico Ademar Yamanaka, coordenador geral do Gastrocentro: equipamentos possibilitaram grandes avanços



O professor Edison Shibuya, do Departamento de Raios Cósmicos do IFGW: acordo científico rendeu pesquisas inovadoras



Cesar Lattes e colegas comemoram, em 1969, a revelação de filmes no âmbito da Cooperação Brasil-Japão: descobertas importantes

tras. Além disso, o Gastrocentro serviu de campo de estágio para inúmeros médicos de todo o país e do exterior. O Gastrocentro recebeu também médicos da Colômbia, Equador, Costa Rica, Bolívia, Peru, África e de países de língua portuguesa, como parte do Programa de Treinamento para Terceiros Países (TCTP).

Para poder atender adequadamente o crescimento da demanda, o Gastrocentro ampliará em cerca de 500 m² a sua atual área de aproximadamente 2.600 m², conforme projeto que aguarda aprovação. A construção da nova ala, com três pavimentos, nova recepção e elevador, permitirá o aumento do número de procedimentos e exigirá recursos da ordem de R\$ 800 mil da própria Universidade.

Outros projetos – Ademar Yamanaka é também consultor para assuntos do Japão na Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais (Cori) da Unicamp e presidente da Comissão do centenário da imigração na Universidade. Além do acordo com a Jica para o Gastrocentro – que ele coordenou desde o início –, projetos entre os dois países beneficiaram outras áreas e atividades da Unicamp, como o Centro de Investigação em Pediatria (Ciped), pesquisas com quartzo do Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW), estudos de cultura de células da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri), investigação de molésti-

as infecciosas e a montagem de todo o parque de equipamentos do Centro de Ensino de Línguas (CEL). A lista inclui ainda um programa de intercâmbio em fase de organização com a Faculdade de Educação, inúmeros projetos individuais de pesquisadores da Unicamp com colegas japoneses e, mais recentemente, o workshop de meio ambiente e energia sustentável em parceria com as principais instituições de ensino e pesquisa do Japão, como as universidades de Tokyo, Kyoto e Gifu.

Raios cósmicos – A cooperação nipo-brasileira na área de raios cósmicos é considerada o caso mais longo de uma parceria científica binacional que se tem notícia no País. O início do projeto da Colaboração Brasil-Japão de Raios Cósmicos deu-se em 1962, na USP, mas prosperou de fato na Unicamp, a partir de 1967, quando Cesar Lattes transferiu-se com seu grupo para a universidade campineira. A Unicamp passou então a ter o principal laboratório brasileiro no âmbito do programa, que permanece em atividade, já que após a aposentadoria de Lattes, em 1986, foi o professor Edison Shibuya quem assumiu a condução das pesquisas. O pesquisador do Departamento de Raios Cósmicos do Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW) foi aluno de Lattes quando cursava física na USP e veio para Campinas no grupo recrutado pelo professor para auxiliá-lo

no projeto da Colaboração Brasil-Japão de Raios Cósmicos.

O trabalho de cooperação, recorda-se o discípulo, iniciou-se por meio de uma carta do físico teórico japonês Hideki Yukawa (ganador do Prêmio Nobel de Física em 1949) endereçada em 1959 a Cesar Lattes, descobridor do méson pi, em 1947.

Na ocasião, os japoneses buscavam um local mais apropriado para realizar experiências com raios cósmicos em altas altitudes, e o Monte Chacaltaya, na Bolívia, além de ter uma altitude acima de 5 mil metros, mais alto, portanto, que o Monte Fuji, com cerca de 3.700 metros, era de fácil acesso e já havia sido utilizado pelo cientista brasileiro.

“A colaboração se propunha a estudar o fenômeno de produção múltipla de mésons, que havia sido descoberto anteriormente”, conta Shibuya.

Sua função era ajudar na preparação dos filmes fotográficos e das placas de chumbo expostas à radiação cósmica em 1968 em Chacaltaya. Os filmes foram retirados em 1969, para serem revelados no laboratório improvisado por Lattes no porão do prédio onde funciona hoje o Colégio Técnico da Unicamp (Cotuca), na rua Culto à Ciência, então o principal prédio da Unicamp.

Luta fratricida – Poucos conhecem, no entanto, os antecedentes que, de certa forma, levaram à constituição da colaboração entre

as duas nações, conforme observa Shibuya. É preciso, segundo ele, voltar no tempo, mais exatamente ao final da década de 40, quando a colônia japonesa no Brasil vivenciava uma luta fratricida.

Na época, uma associação criada no seio da colônia inicialmente com o objetivo de preservar a cultura japonesa e a imagem do imperador Hiroito passou a perseguir e a assassinar os imigrantes japoneses que sabiam da derrota do Japão para os aliados na Segunda Guerra. O número de assassinados chegou a 23 e o de pessoas feridas a uma centena. Os membros da Shindo Renmei (nome da organização) ainda falsificaram revistas e jornais internacionais para que os japoneses acreditassem que seu país de origem havia vencido a guerra.

Os que sabiam da derrota acreditavam que o único meio de pôr fim ao sangrento conflito era trazer ao país uma personalidade japonesa que fosse respeitada por sua índole e que pudesse dar um testemunho incontestável do que de fato ocorrera ao Japão na guerra. Dois integrantes da colônia, o físico da USP Shigueo Watanabe e o engenheiro Ayami Tsukamoto, propuseram então, em 1952, a vinda do professor Yukawa, ainda sob o impacto de ter sido o primeiro japonês a ganhar o Nobel. O físico, contudo, não pôde atender ao convite. Ele só conseguiria vir ao Brasil em 1958, por ocasião das comemorações do cinquentenário da imigração japonesa.

O grupo, no entanto, se preparara de tal forma para a vinda dele, que havia arrecadado entre imigrantes na época pouco mais que um milhão de yens, o equivalente a 50 mil dólares, para o custeio da viagem e hospedagem do ilustre convidado.

“Como devolver o dinheiro daria mais trabalho do que o grupo tivera para arrecadá-lo, a colônia decidiu doar o valor para a Universidade de Kyoto, onde Yukawa trabalhava. Uma parte do recurso foi aplicada na organização do primeiro simpósio internacional de física no Japão da pós-guerra. A outra, Yukawa entregou ao professor Yoichi Fujimoto para a compra da ocular de um microscópio, com o qual iniciaram a física de raios cósmicos do grupo japonês”, conta Shibuya. “Foi com esse grupo que Lattes, e depois o nosso grupo da Unicamp, passou a se relacionar, estabelecendo o que se tornou mais tarde a Colaboração Brasil-Japão de Raios Cósmicos.”

Confiança mútua – Segundo Shibuya, Fujimoto, um físico experimental, tornou-se um interlocutor estratégico entre o teórico Yukawa e o também experimental Lattes, o que contribuiu significativamente para a fluência das pesquisas conduzidas em parceria.

“Eram pessoas com personalidades e características de trabalho distintas. Mas tinham, acima de tudo, a curiosidade científica como ponto comum, e foi isso que os aproximou e os uniu”, observa Shibuya. Além dessa empatia, ele destaca outro aspecto peculiar do trabalho conjunto: a confiança mútua.

“Exceto as cartas trocadas entre eles, em que assumiam o compromisso de desenvolver pesquisas em conjunto, não havia qualquer outro tipo de documento formalizando o acordo”, ressalta o pesquisador.

Ele lembra ainda que cada parte alocou os recursos materiais de que dispunham com mais facilidade: as placas de chumbo foram providenciadas pelo grupo brasileiro e os filmes disponibilizados a preço de custo por dois fabricantes nipônicos interessados em utilizar a radiação cósmica a grande altitude para testar a sensibilidade do produto.